

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

SILENCIAMENTO EM *VIDAS SECAS*: O “EU” QUE SE CALA DIANTE DA OPRESSÃO



SILENCE IN THE *VIDAS SECAS*: THE “ME” THAT IS SILENT IN THE FACE OF OPRESSION

Gabriela Pacheco Amaral
UFMG, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 05/11/2017 • APROVADO EM 30/06/2018

Abstract

This work to analyze the multiplicity of voices that arise in the division of the "me" and in the silencing of the Fabiano character of the novel *Vidas Secas* (1938) by Graciliano Ramos. We will try to understand the ideological, moral and / or non-moral voices that constitute the discursive formations and that can contribute to the silencing, according to Orlandi (2007), of Fabiano in the narrative.

Resumo

Este trabalho busca analisar a multiplicidade de vozes que surgem nos desdobramentos dos “eus” e no silenciamento do personagem Fabiano, do romance, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos. Buscaremos compreender as vozes ideológicas, morais e/ ou não morais que constituem as formações discursivas e que podem contribuir para o silenciamento, conforme Orlandi (2007), de Fabiano na trama narrativa.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse Analys. Vidas Secas. Silencing. Ideological voices.

PALAVRAS CHAVE: Análise do Discurso Vidas Secas. Silenciamento. Vozes ideológicas.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Vidas Secas é uma obra de Graciliano Ramos que retrata a vida de uma família de retirantes: Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos (que não têm nomes próprios) e a cadela Baleia. Muitas chaves de leitura podem ser adotadas para uma pesquisa, como a animalização dos personagens, a humanização do cão, o social e o psicológico dos personagens e o silenciamento.¹

Fabiano e a sua família não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola, por isso, não sabem escrever nem ler. Devido a isso, muitos estudiosos associam o silenciamento de Fabiano com sua dificuldade para se comunicar. Porém, consideramos que seu silêncio pode ser mais complexo, pois ao ler o romance deparamo-nos com um paradoxo no interior dessa voz que não se manifesta ou pouco se manifesta: há um jogo complexo e uma luta de vozes ideológicas ocorrendo no íntimo de Fabiano. No âmbito desse silêncio, o personagem nos chama a atenção, pois ele é o vértice, o ponto central a partir do qual a narrativa se desenrolará como se fosse uma fita ligada a um ponto.

Os pensamentos do protagonista são mostrados pelo narrador por intermédio do discurso indireto e indireto livre. Com esse estilo de escrita de Graciliano Ramos, podemos perceber e compreender as diversas deliberações que ocorrem no âmago do personagem antes de ele se comunicar. Porém, como já dissemos, são poucas as vezes em que Fabiano se comunica diretamente com outro personagem do romance, na maioria das situações, ele se silencia.

Na qualidade de leitores, temos acesso aos pensamentos de Fabiano. Assim, é possível perceber como cada ação, diálogo ou silêncio resultam de uma multiplicidade de vozes que defendem ou não um ponto de vista da personagem.

Consideramos que os sujeitos não são totalmente assujeitados, e eles podem manifestar identidades que seriam o oposto do “normal”, do “cotidiano”, do esperado pelos outros. Nesse caso, podemos lembrar as teorias de Pêcheux, em que

o sujeito pode não aceitar uma formação discursiva (doravante FD) e, desse modo, estaria se encaixando em outra. A filha pode não ser submissa ao pai; o funcionário pode não apresentar submissão ao patrão, o que poderia ocasionar um confronto, uma situação polêmica.

De todo modo, as identidades que o sujeito assume em determinadas situações são identidades externas, são “eus” externos, buscados pelos diversos sujeitos-comunicantes que surgem para legitimar a posição que se quer assumir. Todavia, a complexidade que envolve a noção de identidade não se esgota por aí, pois, o sujeito-enunciador, o “eu” interior, pode se desdobrar e se dividir em diversos outros “eus”, adotando diversas nuances de identidades. Seria o caso de se refletir sobre o exemplo que demos (pai e filha). Estes seres de palavra, antes de se pronunciarem, ou de assumirem posições, fariam uma deliberação interna sobre a identidade que um apresentará ao outro.

Isto posto, nosso objetivo geral é investigar a multiplicidade de vozes que surgem nos desdobramentos dos “eus” e no silenciamento do personagem Fabiano, quando ocorre uma deliberação interna no protagonista em um excerto retirado do corpus, no qual acreditamos que o silenciamento ocorre pelo debate de vozes internas.

1. VIDAS SECAS E O SILÊNCIO

O corpus central de nossa pesquisa, *Vidas Secas*, narra a história de uma família, composta por Fabiano, Sinhá Vitória, o filho mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, família esta que busca a sobrevivência em um ambiente predominado pela seca. Nessa obra, Graciliano Ramos aborda os comportamentos de Fabiano em um meio severo e opressivo, além de apresentar os aspectos psicológicos dos personagens e as suas reações diante de situações de seca e injustiça social. Essa narrativa possibilita ao leitor ver o “mental esgarçado e pobre” (BOSI, 1994, p. 402) da família devido à seca e à opressão da sociedade. Nela, podemos perceber a relação conflituosa de Fabiano com o seu contexto, que possivelmente impacta na construção de sua identidade. O protagonista é submetido a diversas situações de desrespeito e a inúmeras desigualdades sociais.

Fabiano é um homem “esmagado” tanto pela sociedade quanto pela natureza. Não é como Paulo Honório, de São Bernardo, e Luís da Silva, de Angústia, que “pensam, logo existem: Fabiano existe, simplesmente e sofre tanto pela fome quanto por sua existência. O eu interior do protagonista é nebuloso, na mesma medida, o primitivo do homem é puro em Fabiano.” (CANDIDO, 2006, p. 63). A identidade de Fabiano é ressaltada em meio a de outros personagens de Graciliano por Cândido.

O protagonista de *Vidas Secas* não tem muita habilidade para se expressar verbalmente com as pessoas. Porém, não é somente a falta de comunicação que silencia esse personagem na trama narrativa. Podemos notar que o ambiente

opressivo ao qual ele é submetido pode contribuir tanto para o seu silenciamento quanto para os seus conflitos internos.

Vidas Secas corresponde ao entrosamento do sofrimento humano vinculado ao tormento que a natureza proporciona. A similaridade do sofrimento geográfico com a seca, a fome e o problema social perpassa no romance e adquire significado pela elevada qualidade artística que Ramos concede à sua narrativa. “A seca lucidez de Vidas secas possibilita uma das abordagens mais honestas na nossa literatura sobre o homem e a vida” (CANDIDO, 2006, p. 99).

Com base no que foi dito, acreditamos que os sofrimentos de Fabiano não são ocasionados somente pela seca, mas, sim, por um conjunto de injustiças, desigualdades e desrespeitos aos quais ele é submetido ao longo de sua vida no enredo do romance. Devido a esses fatores, podemos perceber dimensões de identidades discursivas do protagonista sendo formadas ao longo da narrativa, possivelmente são acarretadas por essas circunstâncias sociais.

A linguagem, no romance, é feita a partir do silêncio dos personagens. A força de Graciliano Ramos está em mostrar um discurso extremamente tocante (e logo comunicativo) feito por um personagem que pouco fala. Fabiano não conversa muito com sua família, nem com outras pessoas. Ademais, quando tenta fazê-lo, raramente obtém sucesso, visto que ele se comunica mais através de gestos que por meio de palavras. No decorrer da narrativa, não existem diálogos, não existe conversa, não existe uma comunicação “normal”. Cabe ao narrador a tarefa de mostrar os sentimentos e os pensamentos dos personagens. Nessa circunstância, o foco narrativo de terceira pessoa e o discurso indireto livre suprem a deficiência linguística dos personagens; o narrador “fala” por eles.

2. O SILÊNCIO NA ANÁLISE DO DISCURSO

O silêncio, na perspectiva da AD é entendido como aquilo que, por não ter sido dito, por isso mesmo, diz. Ao se optar pelo silêncio, diversas alternativas de sentidos e interpretações se manifestam. Segundo Eni Orlandi, esse recurso pode indicar que o sentido pode ser outro, diferente daquele esperado, como podemos observar no seguinte excerto:

Este [o silêncio] pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam (ORLANDI, 2001, p. 83).

Seguindo nesse pensamento, notamos que *Vidas Secas* é mergulhado na linguagem do silêncio, e isso, como Orlandi explica, tem significado. Nesse sentido, a construção do silêncio no romance adquire possíveis dimensões de interpretações.

Uma delas é a de Marinho (1997). Segundo a autora, Fabiano tem o conhecimento de sua carência do domínio da linguagem oral. Com isso, ele se coloca em posição de uma pessoa que é observada e julgada por essa deficiência. Por conseguinte, ele se sente censurado ao tentar comunicar com outras pessoas, pois leva em consideração a possibilidade do erro e do não entendimento. De acordo com Marinho (1997), no pensamento de Fabiano, a linguagem não lhe pertence: ela cabe somente aos homens e, como Fabiano não se vê como um homem, a linguagem não lhe compete, não faz parte de sua existência.

Ainda de acordo com os pressupostos de Marinho, um dos recursos utilizados para expressar os sentimentos e os pensamentos de Fabiano é o uso do discurso indireto livre e do discurso direto. Conforme a autora, “a voz reprimida e abafada” do protagonista se manifesta na voz do narrador com o uso do discurso indireto livre. Em algumas situações, o discurso direto representa a exteriorização dos pensamentos do personagem. Quando Fabiano fala, é para si mesmo ou em voz baixa. O uso desses recursos, de acordo com Marinho (1997), representa a tentativa de Fabiano de estabelecer sua identidade. No momento em que Fabiano tem a necessidade de se sentir como um homem, ele deseja falar alto, matar o soldado amarelo e pensa até em entrar para o cangaço. Já quando Fabiano se identifica como um bicho, ele permanece em silêncio e fala em voz baixa. Observamos nesse contexto, o uso do discurso indireto livre.

Assim sendo, concordamos com Marinho (1997) que em *Vidas secas*, o narrador de terceira pessoa possibilita uma leitura a partir de dois pontos de vista: uma parte de uma visão mais ampla da sociedade — o narrador nos apresenta um contexto de exploração financeira e política —, o segundo mostra o interior dos personagens, nos quais são narrados os seus pensamentos. Esse aspecto da obra permite realizar uma possível relação de como o contexto social pode influenciar o íntimo dos personagens, haja vista a dialética do foco narrativo em apresentar o social e o psicológico. Sob essa reflexão, notamos que o narrador apresenta o contexto social juntamente com os pensamentos e os sentimentos dos personagens.

Dito isso, voltamos para a questão do silenciamento no ponto de vista de Orlandi (2007). O silêncio, assim com a linguagem, não é transparente: é tão ambíguo quanto às palavras, pois o sentido que ele produz dependerá das condições específicas da situação de comunicação. Será, portanto, inútil tentar traduzir o silêncio em enunciados, já que ele não fala, ele significa. No entanto, é possível compreender os sentidos produzidos pelo silêncio com métodos de observações discursivas.

Assim como o discurso, o silêncio é heterogêneo e pode representar diversas facetas, afinal, o silêncio pode manifestar uma emoção, uma contemplação, uma introspecção, uma revolta, uma derrota, uma resistência. O silêncio do sujeito-comunicante pode provocar inquietações no sujeito-interpretante, pois este último não tem acesso ao íntimo daquele, não tem consciência dos pensamentos dos outros, ficando sempre na especulação. Por isso, quando nos calamos em uma sala de aula, essa atitude pode ser interpretada como respeito, como atenção ao que o professor diz, mas pode adquirir também outro sentido: pode significar medo do aluno de

questionar algo em frente aos colegas, pode significar cansaço e mesmo indiferença ao que é dito pelo professor...

Para a linguista, há duas formas de silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio. O primeiro é o que existe nas palavras, ou seja, significa o não-dito. O segundo é subdividido em silêncio constitutivo, que indica que, para dizer, é preciso não dizer, isto é, ao selecionar as palavras para produzir um enunciado, automaticamente se silenciam outras palavras, ou seja, é a inscrição do sujeito em uma determinada FD; e em silêncio local, que se refere à censura, à proibição de se dizer algo em uma dada conjuntura. O sujeito, dessa forma, é impedido de se inscrever em uma FD. Nesse sentido, o silêncio trabalha nos limites das formações discursivas, já que serão as FDs que determinam o que deve ser dito em uma dada formação ideológica. Em outras palavras, ao se estipular o que deve ser dito, simultaneamente se obriga a silenciar certas palavras e expressões que vão contra essa FD. Entretanto, pode haver transgressões a esses limites da FD, o que não quer dizer que a proibição e a delimitação do que se deva dizer realmente seja efetivado pelos sujeitos comunicantes.

A censura é uma forma do silêncio que está relacionada ao estado opressor da sociedade: proíbe-se que sejam utilizadas algumas palavras para que se evite o sentido produzido por elas. Com bem postula Orlandi (2007), ao se proibir que sejam construídos certos sentidos, proíbe-se que o sujeito ocupe algumas posições na sociedade, já que o sujeito e o sentido se constituem dialeticamente no discurso. Contudo, muitas pessoas se recusaram à submissão da censura e fizeram uso de palavras diferentes, palavras permitidas para obterem o sentido que almejavam. Foi o caso de Graciliano Ramos, que em seus romances fazia diversas críticas ao capitalismo e ao governo opressor. Para muitos, essa foi a razão de sua prisão política.

De acordo com Cândido (2006), a leitura das obras de G. Ramos nos fazem perceber a vida do romancista: a maneira de viver condiciona o modo de ser e de pensar do homem. Dito isso, compreendemos que o sistema opressor da sociedade impõe as formas de comportamento e ideologias que se encaixam em seus padrões, que, por conseguinte resultam em sujeitos oprimidos pela forma ideológica imposta a eles.

O silêncio também é o lugar no qual circulam diversas vozes; quando o sujeito se cala, ele pode estar imerso em diversos pensamentos. Na maioria das situações, quando temos que assumir determinadas atitudes diante dos outros, será no silêncio que essa deliberação interna acontece. Esse será o caso de nossa análise. Em *Vidas Secas*, Fabiano se cala diante de algumas situações, mas no instante do seu silêncio, diante do outro ou de si mesmo (assumindo o papel do outro), várias deliberações ocorrem em seus pensamentos antes que ele tome alguma atitude. Nessas deliberações podemos compreender que várias vozes ideológicas atravessam os seus pensamentos e, como vimos no capítulo anterior, a polifonia interna do sujeito revela diversos “eus” no âmago do sujeito.

Machado (2015), ao pesquisar sobre as narrativas de vida, percebeu que há no sujeito discursivo múltiplos desdobramentos de “eus”, ou sujeitos-falantes, e que

eles podem ser compreendidos graças às marcas linguísticas que deixam em seus ditos ou escritos. Ampliando essa percepção, consideramos que essas divisões de “eus” do sujeito vão, por sua vez, originar diversas imagens de si. Ainda de acordo com Machado (2015), em um mesmo sujeito pode ocorrer a soma (ou divisão) entre um “eu-interior” e um “eu-exterior”. Ademais, para a pesquisadora, os “eus” que surgem nos diferentes discursos são transpassados por uma multiplicidade de “vozes” ideológicas, morais ou não-morais, presentes nas reflexões. Essas reflexões, por sua vez, em sua maioria ocorrem no silêncio do sujeito.

Pois bem, não consideramos que o silenciamento de Fabiano se dá pela simples explicação de que ele não tem conhecimentos da língua e da escrita: há razões ideológicas por traz do seu silêncio. Há questões de identidade por traz de seu silêncio. Doravante, teceremos como será nossa metodologia de análise para sustentar a hipótese de que por traz do silêncio de Fabiano há um atravessamento de vozes ideológicas que censuram e delimitam a atitude a ser tomada.

3. O SILÊNCIO E A INJUSTIÇA

No capítulo Cadeia, Fabiano sai para a cidade com a intenção de comprar mantimentos, porém ele resolve passar em um bar onde ele se depara pela primeira vez com o personagem denominado como “soldado amarelo”. O soldado, então, leva Fabiano para um jogo de cartas. Fabiano deseja recusar o convite, mas resolve obedecer e começa a jogar e perde seu dinheiro na aposta. Preocupado, ele se retira do local e tenta pensar em uma desculpa para dar a sinhá Vitória, sua esposa. Nesse momento, o soldado amarelo o persegue e o questiona sobre sua saída súbita do jogo e pisa com força no pé de Fabiano que pronuncia um xingamento direcionado à mãe do policial. Em consequência disto, o protagonista é preso e agredido na cadeia.

No fragmento abaixo transcrito, percebemos que Fabiano questiona, intimamente, a ação do soldado amarelo, buscando compreender qual o motivo de tamanha violência:

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: - “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.”.

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?:

Conseguimos perceber que Fabiano não sabe se defender das acusações: fica em silêncio e emite apenas alguns sons, como o supracitado “an”. Entretanto, antes desse balbúcio temos acesso aos seus pensamentos e neles percebemos vozes que o influenciam para que ele se cale diante da injustiça que sofrera. No primeiro parágrafo deste último excerto, notamos a emergência de um “eu” interior de Fabiano que não concorda com o ocorrido. Este “eu” tem consciência dos fatos e de sua inocência. Já no segundo parágrafo percebemos um “eu” exterior que reconhece a normalidade de atitudes arbitrárias advindas da polícia e do governo e assume como corriqueiras as ações de injustiças e violências cometidas contra os marginalizados. Nesse “eu” exterior, que entra em conflito com o “eu” interior de Fabiano, é possível compreender o surgimento de vozes ideológicas para justificar a situação.

Levando em consideração este segmento do excerto: “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (RAMOS, 2010, p. 33), podemos observar a manifestação da poderosa voz ideológica do governo, no âmago dos pensamentos de Fabiano; tal voz se posiciona como uma entidade superior e inquestionável, quaisquer que sejam as suas ações. À voz do governo misturam-se às vozes dos marginalizados e estes reconhecem e legitimam o discurso de poder do governo, o que provoca uma heterogeneidade de vozes no personagem. Em suma, estamos diante de uma polifonia interna do protagonista, na qual há um combate de vozes.

Ao analisar o excerto identificamos um desdobramento de “eus” em Fabiano. Posto que, quando ele demonstra o ponto de vista do conhecimento da desigualdade e de injustiça, ele se mostra conformado com a situação; não teria como ele mudar os fatos e a história. Depois, entretanto, há um outro “eu”, uma outra voz que questiona se ele merecia esse castigo, esta voz que contesta, não aceita, que sabe sobre a real injustiça por detrás do acontecido. Mesmo com o surgimento de um “eu” interior questionador, Fabiano não se revolta, não questiona, não tenta se defender de modo algum, nem discursivamente nem fisicamente. Inferimos então, que o posicionamento tomado por ele diante do fato pode estar relacionado com a inscrição em uma FD que surge através das vozes ideológicas ao quais em algum momento de sua vida ele se deparou.

Voltando ao mesmo já destacado enunciado do excerto “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.” (RAMOS, 2010, p. 33), consideramos que este enunciado contém uma FD que pode ser pensada como uma paráfrase formulada pelos sujeitos que compartilham a crença de que tudo que o governo faz é correto, é para o bem do cidadão.

Acreditamos que o protagonista rejeita a ideologia contida nessa FD, e não se identifica com ela. Todavia, ele tem conhecimento de sua posição social inferior e por isso se mantém calado. Mesmo que possuindo uma voz interior que questiona e rebate a injustiça, ela é censurada pelas vozes sociais exteriores vindas de uma ideologia cristalizada que dá essa legitimidade ao governo. Em outras palavras,

Fabiano vê-se diante de máscaras de identidades e tem que escolher uma delas. Levando em conta sua situação e por receio de novas represálias, ele escolherá uma máscara de aceitação.

Vemos assim que são as condições da situação comunicativa e o contexto no qual o sujeito se encontra que irão delinear as máscaras, ou nuances de identidades que precisam ser adotadas em determinados momentos da existência. Escolher-se-á essa ou aquela, conforme as diferentes situações de comunicação e também conforme os diferentes sujeitos nelas presentes.

No capítulo O soldado amarelo, encontramos novamente essa FD. Assim:

[...] Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... Soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos direitos. Aquela cambada só servia para morder as pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancada neles? Não iria (RAMOS, 2010, p. 105).

Após ser preso, Fabiano se reencontra com o soldado que o agredira e o prendera. Nesse momento, o protagonista tem diversos pensamentos de vingança e lembranças da situação em que ele esteve. Nos pensamentos do personagem, que nos são apresentados pelo narrador, nos deparamos novamente com a FD que havia sido enunciada no excerto anterior, a saber: “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (RAMOS, 2010, p. 33). Todavia, dessa vez a FD que havia sido pronunciada com uma marca explícita de voz exterior (aspas), agora se manifesta sem a presença dessa polifonia explícita.

Nessa perspectiva, somos levados a compreender que o “eu” de Fabiano interiorizou a voz ideológica da FD. Essa voz que antes se apresentava como uma heterogeneidade mostrada perde sua marca explícita e se torna uma heterogeneidade não-mostrada, constitutiva. De modo similar acreditamos que se trata de um movimento da constituição do discurso, já que o sujeito no meio social se depara com diversas vozes enunciadas pelos outros. Essas vozes, por sua vez, saem de uma dimensão exterior para se adentrarem no mundo interior desse sujeito e passam a fazer parte do universo interno de crenças do sujeito.

Inferimos que as vozes sociais que circulam na vida de Fabiano e que são pertencentes ao exterior podem ser interiorizadas em dadas situações nas quais ele se encontra. Dessa forma, será o próprio sujeito que mantém e reproduz suas condições de submissão a alguma crença ideológica. O sujeito assimila a voz exterior, a internaliza e depois a reproduz.

O sujeito é constitutivamente heterogêneo e por isso não sustenta somente um posicionamento ou somente uma voz em seu âmago. E será essa condição do sujeito que conseguimos encontrar em *Vidas Secas*, pois G. Ramos mostra uma visão

bem aprofundada do “eu” mais íntimo de um nordestino, que carrega em si um duelo interno de vozes sociais, morais e não morais. Dessa maneira, em um mesmo parágrafo da narrativa, o narrador mostra o desdobramento de posicionamentos e de “eus” em Fabiano.

Podemos considerar que, em um primeiro instante, o protagonista internaliza e parafraseia uma voz ideológica que sustenta o poder do governo. Todavia, em um segundo momento ele não apresenta o mesmo posicionamento referente à instituição e às atitudes do soldado amarelo, como também questiona o papel do governo quanto a garantia do direito aos cidadãos. Aliás, ainda afirma para si mesmo que se ele fosse um soldado não iria praticar injustiças com as demais pessoas, injustiças essas que estão na memória de experiência de vida do personagem.

No capítulo *Contas*, Fabiano e sua esposa, Sinhá Vitória, conversam sobre o erro do pagamento do salário do protagonista. Ela afirma que as contas do patrão estavam erradas e solicita que o marido converse com o fazendeiro. Então, ele assim o faz, vai até a casa do empregador e demonstra sua insatisfação com o valor recebido. Mas, o patrão não dá ouvidos a Fabiano e ameaça mandá-lo embora. Como o protagonista já viveu diversas peripécias em sua vida por falta de um local para morar e por falta de um emprego, ele se encontra em uma posição desfavorável e é obrigado a concordar com o erro no pagamento em troca de moradia e de um salário baixo.

Nesse contexto, deparamo-nos, novamente, com um desdobramento dos “eus” de Fabiano. Em seu íntimo ele está indignado, quer gritar, quer falar que está sendo roubado pelo fazendeiro. Todavia, devido à situação comunicativa, às características identitárias dos parceiros, aos imaginários e às ideologias sobre a relação entre patrão e subordinado, o protagonista precisa assumir uma máscara de identidade, uma imagem de si que é contraditória ao seu real sentimento. É o que podemos ver em:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel no branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens [...]

[...] Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

[...] Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (RAMOS, 2010, p. 94 – 96).

Nesse trecho do romance inferimos que no âmago de Fabiano há um “eu” que tem o conhecimento dos erros nas contas do patrão. Como também há uma voz interna que conhece a diferença ideológica e financeira entre ele e o fazendeiro. Mesmo assim, o protagonista resolve questionar o valor do seu pagamento e afirma que há problemas com as contas realizadas pelo patrão. Como não se acharam erros, Fabiano reclama e mostra-se indignado. Nesse momento, o patrão manifesta seu poder sobre o funcionário com ameaças de mandá-lo embora. Com isso, ele é forçado a se submeter à injustiça do patrão, pois naquele momento e lugar não seria fácil arranjar outro emprego.

Essa situação comunicativa mostra-nos as posições identitárias de Fabiano e de seu patrão. Estamos diante de um processo de identificação de semelhança e de diferença. Para o protagonista, o patrão era rico, com propriedades e, portanto, merecia ser respeitado como um “homem”. Já ele, em contrapartida não tinha bens materiais, não tinha estudo, sendo assim, não era um “homem”; era apenas um “cabra”; um “bruto”.

Dentro desse ponto de vista é possível compreender porque Fabiano reproduz as condições que submetem seres humanos à uma FD Capitalista. Nesta, há as vozes ideológicas que sustentam imaginários já cristalizados sobre as relações entre patrões e empregados. Assim, Fabiano nesse momento é recrutado por essa FD e se identifica (parcialmente) com o sujeito universal advindo dela.

Mas como o sujeito não é único e não tem somente uma tomada de posição diante de uma FD, a identidade do protagonista se desdobra em um “eu” interior indignado que vê falhas no pagamento, que quer reclamar, que quer ser pago dignamente e em um “eu’ exterior submisso que não pode externar suas opiniões, seus pontos de vista, pois sabe que será punido caso não obedeça às ordens do patrão. De tal modo, no interior do personagem identificamos a tomada de posição do mau sujeito, que não se identifica com os imaginários da FD. Em contrapartida, em seu exterior, em suas ações no mundo externo e na situação comunicativa, ele se enquadra na tomada de posição do bom sujeito que se identifica plenamente com as crenças da FD.

Diante dessas considerações é possível entender como a identidade é um jogo complexo que depende tanto de fatores externos quanto de fatores internos de um sujeito. Como vimos com Hall (2006), a identidade do sujeito pós-moderno estará sempre em construção e em contradição ao longo de sua vida, já que ela depende das circunstâncias do meio social no qual o indivíduo está inserido.

Dito isso, percebemos que nos pensamentos de Fabiano – apresentados pelo narrador de terceira pessoa – mostram uma profusão de vozes e consciências que estão relacionadas com a situação comunicativa e com o seu contexto de vida. São vozes que acionam na memória do protagonista a situação de vida dos escravos e que lhe expõem a semelhança de trabalho entre ambos. Outras vozes também rodeiam a mente de Fabiano, como já dissemos, tais como as vozes ideológicas de imaginários sociais que pregam a submissão do empregado diante do patrão; vozes de revolta, pois ele está em uma situação na qual não pode externar seu ponto de vista e vozes morais que fazem com que ele se lembre de seu papel de provedor de sua família.

Enfim, compreendemos que Fabiano é uma figura que nos apresenta questões referentes

a identidade do sujeito, pois sua própria identidade não se apresenta de maneira uniforme. Será a visão do sujeito-narrador sobre o “eu” íntimo de Fabiano que nos permitirá compreender o quão complexa é a mente desse “ser de papel”, ser de ficção que, no entanto, é a reprodução/representação de tantos outros seres reais, pobres e marginalizados como ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silêncio de Fabiano pode ser considerado como uma postura, uma máscara face à hipocrisia reinante e também como uma espécie de “armadura”, um meio de proteger a si e a sua família contra as injustiças do mundo. Desse modo, os diversos pontos de vista de avaliação, engajamento e julgamento ficam escondidos e silenciados em um “eu” íntimo que não quer sofrer ainda mais com violências físicas e psicológicas. A censura, portanto, estabelece por intermédio da obrigação interna ou coerciva qual máscara de identidade deve ser adotada pelo sujeito mediante uma situação comunicativa e, por isso, é ela que vai moldar os comportamentos e os papéis identitários do citado personagem. Contudo, as vozes ideológicas que produzem a censura não podem extinguir o “eu” interno vingativo, revoltoso, julgador do protagonista. Por mais que seja silenciado, ele ainda existe no âmago de Fabiano.

Nesse caso, discordamos do ditado da *vox populi* que afirma que, no discurso, de que “quem cala consente”. Pois, percebemos que o silêncio de Fabiano não é produzido por um consentimento, longe disso! Ele se silencia por causa da censura que emana das práticas violentas, das desigualdades, do abuso das relações de poder entre a classe dos dominantes e a classe dos dominados. Por causa disso tudo, Fabiano cala-se.

Notas

1 O presente artigo é resultado da dissertação intitulada como “As vozes que silenciam os ‘eus’ de Fabiano, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos” defendida no ano de 2016 sob a orientação da Professora Dr. Ida Lucia Machado.

Referências

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MACHADO, Ida Lucia. Percursos de vida que se entremeia a percursos teóricos. In: SANTOS, S.P. & MENEZES, W. A. **Discurso, Identidade, Memória**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015, p. 83-96.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 249 – 259.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 114ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1938] 2010.

Para citar este artigo

AMARAL, Gabriela Pacheco. Silenciamento em *Vidas Secas*: O "eu" que se cala diante da opressão. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 265-277.

A Autora

Gabriela Pacheco Amaral é doutoranda em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso. Mestre em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2016, graduada em Licenciatura em Letras Português/ Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2010).